



ASSUNTOS MILITARES

Coordenador: Cel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

ESTRATÉGIA SOVIÉTICA PARA A 3ª GUERRA MUNDIAL

MALCOLM MACKINTOSH

(Condensado pelo Ten-Cel TERCIO VERAS)

Antes de examinarmos a possível estratégia do bloco soviético em uma guerra dentro de três ou quatro anos, devemos primeiro perguntar se o governo soviético realmente acredita na possibilidade de eclosão de uma terceira guerra mundial. Minha resposta é afirmativa, evidenciada pela ideologia soviética e declarações dos líderes russos à oficialidade das forças armadas e ao seu povo. Esses líderes parecem instruir seus oficiais que, à medida que a situação política evolui, de modo cada vez mais favorável ao comunismo, desaparecem os mercados para os países capitalistas e se desintegram as alianças militares. Surgirá a ocasião em que ao mundo capitalista, liderado pelos Estados Unidos, só restará o dilema: render-se pacificamente ao comunismo ou lançar todo o seu poderio contra a União Soviética, num esforço desesperado para destruir a base estrutural do sistema comunista. Naturalmente, não se expressam exatamente desse modo, mas é isso o que querem dizer.

Outra maneira de irromper a terceira guerra mundial, na concepção soviética, será pela degeneração de um conflito local e convencional em uma guerra na qual se torne inevitável a intervenção em longa escala de uma das potências nucleares. A terceira hipótese é a que os escritores militares soviéticos esposam com base na previsão de Stalin, expressa no XIX Congresso do Partido em 1952, de que são ainda possíveis as guerras entre os Estados capitalistas, capazes, também, de envolver a União Soviética. Finalmente, devemos considerar a possibilidade de a União Soviética ser arrastada à guerra em virtude de sua aliança militar com a China Comunista.

CHAVE PARA O ATAQUE PREEMPTIVO

Essa causa possíveis de uma terceira guerra mundial parecem admitir que a União Soviética não desencadeará, em primeiro lugar, um ataque nuclear ao Ocidente, não havendo nenhum indício seguro de que Moscou esteja preparando uma guerra nuclear preventiva. Mas devemos formular a seguinte pergunta: Não haverá situação alguma em que os russos admitam serem os primeiros a atacar? Há cinco anos, em 1955, os pensadores militares soviéticos expressaram a concepção de "um golpe preemptivo", e muito se tem escrito a esse respeito no Ocidente, desde o momento em que surgiram indícios de sua realização. A concepção do ataque preemptivo é defensiva e visa à redução de perdas. Depende do recebimento de informações precisas e imediatas que permitem concluir ter o inimigo provável, tomado, realmente, a decisão irrevogável de desencadear um ataque nuclear contra a União Soviética.

Acredito que a chave do ataque preemptivo é a que foi apresentada em 1955, dois anos antes do primeiro disparo de um míssil balístico intercontinental soviético. No que tange ao ataque por aeronaves subsônicas ou supersônicas, é possível considerar a exequibilidade de um aviso oportuno para o defensor tomar a decisão estratégico-prática de desencadear o ataque preemptivo. Mas, à luz do desenvolvimento de foguetes que, evidentemente, se processava no Oriente e Ocidente nos próximos três anos, o verdadeiro ataque preemptivo, da forma prevista em 1955, dificilmente poderá ser desfechado, pois qualquer ataque de surpresa no futuro será planejado e executado com armas que não darão ao defensor *nenhum tempo para desencadear o ataque em primeiro lugar*. E mesmo que suas aeronaves decolassem e seus mísseis fossem lançados após o recebimento do primeiro alerta de um ataque inimigo, eles já estariam, de fato, engajados em uma ação de represália, e não de preempção.

Se, todavia, associamos a idéia de um ataque preemptivo com a errônea convicção soviética sobre a possibilidade de um ataque preemptivo, de desespero, do Ocidente contra a Rússia, temos de reconhecer que, de certa forma, tal ataque é ainda praticamente possível. Seria, com toda probabilidade, preparado às pressas com um número reduzido de mísseis lançados a tempo e com uma proporção muito elevada de vôos, em uma só direção, de aeronaves tripuladas. Entretanto, se num período de tensão internacional crítica, os líderes soviéticos concluíssem que a guerra fosse inevitável e prestes a irromper, poderiam ordenar o ataque preemptivo para reduzir as perdas que, em virtude de sua potência relativamente limitada poderiam diferenciar-se das oriundas de uma guerra preventiva em larga escala.

Pode-se, pois, concluir que a guerra poderá irromper por um erro de cálculo soviético em uma fase de forte tensão internacional ou, talvez, durante o conflito armado entre pequenas potências, quando se tornar crescente o perigo de degeneração em uma guerra total.

FASE 1. FORÇAS SOVIÉTICAS MARCHAM PARA OESTE, ESTE E SUL EM UM GIGANTESCO MOVIMENTO DE DISPERSÃO

Tratemos agora de transformar as possibilidades soviéticas em uma estratégia provável. Para isso, faço a hipótese de que esteja iminente uma guerra nuclear ou que esta já se tenha iniciado com mútuos ataques nucleares entre a União Soviética e os Estados Unidos e seus aliados. Que conclusão lógica podemos tirar das operações aéreas, terrestres e navais dos soviéticos na fase inicial dessa guerra? Primeiramente, devemos reportar-nos à convicção soviética de que a troca de ataques nucleares entre os Estados Unidos e a URSS, apesar de sua severidade, não aniquilaria nenhuma dessas potências, e de que a guerra continuaria em terra, mar e ar, provavelmente por muito tempo. Só se alcançaria o fim, quando um dos dois lados tivesse destruído as forças armadas do adversário e, talvez, ocupado seu território. A respeito, a revista militar soviética "Military Thought" publicou o seguinte:

"A derrota do inimigo será conseguida pelo aniquilamento de suas forças armadas. Só se vencem as guerras quando se destrói a vontade de resistir do adversário, e esta destruição, apenas, se verifica quando suas forças armadas são aniquiladas. Portanto, o objetivo das operações de combate deve ser a destruição das forças armadas, e não o bombardeio estratégico de alvos na retaguarda."

Semelhante conceito foi expresso no "Military Herald" soviético, em junho de 1958:

"Nas condições atuais, são tão poderosas as forças armadas de ambos os lados e tão ampla é a extensão territorial das lutas armadas, que é quase impossível terminar uma guerra dentro de curto prazo. Até mesmo o aparecimento das armas atômicas e de hidrogênio e dos foguetes de longo e médio alcances não podem assegurar a rápida destruição de forças armadas potentes e, conseqüentemente, a conclusão rápida da guerra. Com efeito, o uso desses engenhos por ambos os lados, acarreta o aumento de duração de uma guerra ao invés de sua aceleração. As armas atômicas e de hidrogênio modificaram, em muitos aspectos, a forma da guerra, mas esta não pode ser nem será travada somente com tais armas. É quase indubitável que se fôr desencadeada a terceira guerra mundial, ela poderá estender-se pela superfície terrestre e marítima de todo o globo terrestre."

É interessante assinalar que uma das razões que levam os líderes soviéticos a manter este ponto de vista em virtude de sua própria doutrina política, não é absolutamente militar. É que, a doutrinação de 200 milhões de indivíduos no sentido de acreditar, sem restrições, no triunfo final do comunismo não pode admitir a destruição deste sistema, numa noite, por um engenho científico resultante da pesquisa científica capitalista. Seria catastrófica a perda de moral comunista produzida por tal admissão.

O COMBATE TERRESTRE APÓS O ATAQUE INICIAL

Pode objetar-se que os líderes soviéticos externem esse ponto de vista só para fins de propaganda e que eles próprios não mais o esposem. Mas, uma vez que instituição militar soviética e a instrução ministrada se ajustam ao conceito de que a guerra deve continuar, após o ataque nuclear, nós do Ocidente não podemos deixar de aceitar, pelo menos até os próximos anos, o valor aparente deste ponto de vista.

E, por exemplo, significativo que a adoção formal desse conceito — 1954-1955 — coincidiu com a reorganização das forças de defesa aérea da União Soviética. A artilharia da defesa aérea, os mísseis terra-ar, parte das forças interceptadoras de caça e alguns elementos da defesa civil constituíram, desde 1935, um comando unificado, subordinado ao Marechal Biryuzov — no mesmo nível das forças terrestres, aéreas ou navais. A organização desse comando parece objetivar a condução de uma luta independente, para diminuir os efeitos do ataque nuclear contra a URSS, sem estar sujeita às atividades das outras três forças armadas ou ao sucesso ou insucesso das operações militares em qualquer outra parte.

Além disso, mesmo o exame mais sumário do tipo de treinamento feito pelas forças terrestres e aerotáticas soviéticas indica que as operações terrestres serão muito rápidas e móveis. Em muitos exercícios realizados pelas forças soviéticas na Alemanha Oriental já se concebe a transposição de um rio por blindados e infantaria transportada em caminhões, dentro das condições de radiação resultantes da explosão de uma arma tática.

Argumento que esta determinação do treinamento das forças armadas para o combate após o ataque nuclear conduz a uma só conclusão: a fim de que a guerra seja ganha com a destruição das forças armadas do inimigo por meio de uma série de combates terrestres, aéreos e marítimos, estendendo-se, talvez, por todas as superfícies terrestre e marítima do globo terrestre, é então *absolutamente essencial que as forças armadas soviéticas escapem da destruição durante o ataque nuclear contra o seu país, não obstante o dano infligido aos centros industriais e populacionais*. Isso só pode dar-se, numa grande amplitude, por meio de uma gigantesca operação de dispersão, isto é, pelo afastamento do grosso das forças armadas soviéticas para tão longe quanto possível de seu país. O território soviético, naturalmente, estaria extremamente danificado após um ataque nuclear e, provavelmente, os líderes soviéticos consideram, acima de tudo, o uso de sua superioridade em forças convencionais na Europa Oriental e Rússia Ocidental, a fim de forçarem uma passagem para fora das áreas de radiação, ainda que isso exija uma invasão, em grande escala, da Europa Ocidental e, talvez, de certas regiões do Oriente Médio. Outro argumento em favor desta linha de ação seria o fato de que, se as forças soviéticas, com ou sem o emprêgo das armas atômicas táticas, tivessem êxito em lograr uma penetração importante na região da OTAN e atravessassem o Reno para o interior da França, deslocando-se também para dentro da Itália, os aliados ocidentais estariam talvez

menos dispostos a empregar a bomba de hidrogênio contra as potências da OTAN, temporariamente sujeitas à ocupação militar soviética.

OCUPAÇÃO DA CABEÇA DE PONTE DA OTAN

Resumindo, acredito conseqüentemente que a irrupção da guerra nuclear provocaria simultaneamente um esforço importante por parte da Rússia de ocupar a cabeça de ponte da OTAN, a oeste e sul da Europa, e também partes do Oriente Médio. Isso atingiria simultaneamente à dupla finalidade: a destruição do grosso das forças da OTAN, na cabeça de parte européia, e a dispersão, em segurança, do grosso das forças armadas soviéticas fora da área de concentração da radiação nuclear dentro da União Soviética. Aí o sistema de defesa aérea do Marechal Biryuzov estaria empenhado em estabelecer a ordem após a destruição causada pelo ataque nuclear, além de ocupar-se plenamente da necessária manutenção do funcionamento dos serviços essenciais para civis e militares.

É compreensível que a aplicação dêste princípio, apesar de lógico, põe os responsáveis pela defesa soviética diante de uma gama de problemas logísticos e de segurança militar. É certamente significativa a reorganização de vulto que se tem processado nos serviços do Exército soviético desde 1957. Pela primeira vez na história da URSS, eles são chefiados por um marechal da União Soviética — Marechal Bagramyan — com uma posição equivalente à de Vice-Ministro da Defesa. Um oficial com sua vasta experiência de combate e alta categoria seria certamente necessário para tratar dos problemas de incremento dos suprimentos de reserva, da criação de processos novos e imaginativos para levar alimento, combustível e munição à linha de frente submetida a radiação atômica, bem como das medidas preventivas contra a contaminação dos suprimentos de água.

O General Kurochkin, comandante de uma das academias militares soviéticas aduziu outras considerações a respeito em um artigo da "*Military Thought*":

Na guerra moderna, quando grandes exércitos, atuando em vastas áreas dependem muito da continuidade do suprimento de quantidades enormes e variadas de materiais de guerra, é essencial o equacionamento minucioso de todas as questões atinentes à organização de áreas de suprimentos estratégicas, operacionais e táticas. Problemas de transporte, a defesa das linhas de suprimento, a segurança de suas bases e do transporte ferroviário para a linha de frente, revestem-se de primordial importância em face do emprego das novas armas.

Convém notar que a frota aérea civil soviética, que certamente exercerá um papel vital em tal operação, no transporte de torpas e suprimentos, passou recentemente a ter um novo chefe — General-de-Brigada Loginov, um dos mais enérgicos e experimentados comandantes da força aérea soviética.

Os pormenores da campanha militar e aérea, que será levada a efeito pelo exército soviético invasor, estão fora do propósito deste trabalho, ainda que possam ser previstos com exatidão. É também impossível estimar, mesmo aproximadamente, o número de dias, a partir da investida da Europa Oriental, que levaria o principal elemento das forças soviéticas para conseguir seu objetivo: a destruição da capacidade operacional das forças terrestre e aérea da OTAN na cabeça de ponte europeia. Antes de tudo, quem pode prever o efeito das primeiras explosões de armas nucleares táticas do mundo sobre a velocidade e maneabilidade? Entretanto, pode dizer-se que planejadores soviéticos (ainda que as forças estacionadas atualmente na Alemanha Oriental e Rússia Ocidental fôsem um tanto reduzidas) admitem que poderiam pôr fora de combate as forças da OTAN na cabeça de ponte e ocupar a costa atlântica, à custa, embora, de enormes perdas. Esperam também, uma vez atingidos os principais centros populacionais, estabelecer uma espécie de administração civil com elementos locais comunistas, além de poderem, depois da terminação da campanha, começar a apoiá-las com os recursos locais.

O MÉDIO E EXTREMO ORIENTE

Vejamos agora a situação no Médio e Extremo Oriente: Ai, o incentivo soviético para deslocar-se rapidamente seria o mesmo: dispersar as forças operacionais terrestres e aéreas, usando, se necessário, território estrangeiro. A tropa então estacionada no Transcaucaso e nos Distritos Militares do Turquestão poderia dispersar-se satisfatoriamente na Pérsia e Afeganistão sem encontrar resistência séria; a campanha poderia ser pressionada através do Iraque e Síria, visando aproximar-se da Turquia, de cujos territórios os mísseis balísticos de médio alcance teriam sido dirigidos contra objetivos na União Soviética. É provável, porém, que a finalidade da campanha nesta região seria ditada mais pela necessidade de escolher uma zona adequada para o "estacionamento" de uma considerável força soviética — digamos até 30 divisões — em que os problemas de apoio logístico não fôsem excessivamente complexos; na realidade, o objetivo soviético seria criar um "estacionamento" militar viável nas áreas mais férteis do Oriente Médio, ao invés da inclusão de todos os Estados do Oriente Médio na lista de territórios ocupados. É improvável que, nessa fase, as forças soviéticas procurem estender as operações para o interior do Paquistão e da Índia.

No caso do Extremo Oriente, não seria de estranhar que já existisse acôrdo entre os governos soviético e chinês para facilitar a transferência de certos elementos das forças terrestres e aéreas do Transbaikal e Distritos Militares do Extremo Oriente para a Mandchúria ou Mongólia Interior, na eventualidade de uma destruição nuclear na União Soviética. Esse deslocamento teria de ser particularmente eficiente e rápido, uma vez que a União Soviética espera que sejam lançados mísseis das bases de Okinawa e Japão. Com isso, também visar-se-ia poupar as forças soviéticas. Mas devo frisar que estamos considerando aqui apenas uma guerra entre o Oriente e o Ocidente sem a participação inicial da China Comunista. Assim, pode prever-se uma considerável massa de tropa so-

viética temporariamente estacionada no território chinês e, talvez, também na Mongólia Exterior.

Dêste modo, iniciadas as hostilidades, é de esperar que se verifique o estacionamento das forças armadas soviéticas em três importantes "centros de fuga": a cabeça de ponte da Europa Ocidental presentemente defendida pela OTAN; partes do Oriente Médio; e parte da região fronteiriça chinesa com a Rússia. Essa operação constituiria a primeira fase da guerra total, em que teria lugar, relativamente falando, a maior parte dos previsíveis movimentos estratégicos do conflito. Mui-tíssimos outros fatores desconhecidos seriam então considerados em qualquer estimativa soviética da segunda fase, como por exemplo: o verdadeiro grau de destruição sofrido pela União Soviética, América do Norte, Inglaterra e outras bases de ultramar dos Estados Unidos; a exatidão ou não do prognóstico soviético de que ambos os lados estariam aptos a continuar a luta depois da primeira fase; e a possibilidade de ambos os lados, ou somente um, dispor ainda de meios para continuar a usar e produzir armas atômicas ou nucleares. Caso nenhum tenha esta capacidade, qual seria a situação relativa dos dois lados no tocante a forças convencionais e a potencial humano instruído? Seria certo dizer-se, por exemplo, que ao ocuparem a cabeça de ponte da OTAN, os melhores elementos das forças terrestres e aerotáticas soviéticas teriam, provavelmente, sido empenhados e sofrido severas perdas, enquanto que as forças existentes da OTAN, mesmo que estivessem totalmente destruídas, representariam apenas uma fração do possível exército de uma aliança Ocidental plenamente mobilizada. Adicionando-se a essas incertezas, os efeitos reais do emprêgo das armas atômicas e de hidrogênio sobre a população civil, suprimentos de água, regiões agrícolas e remoção de excrementos, as dificuldades de uma previsão tornam-se alarmantes.

2ª FASE. UMA EXTENSA SÉRIE DE MOVIMENTOS RÁPIDOS E REAÇÕES CORRESPONDENTES DE ÂMBITO GLOBAL

Entretanto, se pudermos admitir que haja uma direção militar e política dos soviéticos resoluta e capaz de conduzir a guerra contra o Ocidente, e que na primeira fase foram lançadas cerca de 100 divisões russas na Europa Ocidental, Oriente Médio e China Setentrional, acredito que as operações nesta segunda fase dependeriam, quase inteiramente, da existência de informações seguras por parte do governo soviético sobre a capacidade nuclear restante do Ocidente. Até que fôsse esclarecida esta questão, seria de esperar que a preservação das forças armadas continue sendo o objetivo principal do alto comando soviético. Os soviéticos evitariam qualquer estratégia que implicasse grandes concentrações de forças terrestres e aéreas para o ataque a um só objetivo como, por exemplo, a Grã-Bretanha. Se, pois, os dirigentes da União Soviética não tiverem certeza do estoque de armas nucleares do Ocidente após a primeira fase, provavelmente não se arriscariam a empenhar grande número de divisões e aeronaves numa tentativa de Trans-

posição do Canal da Mancha, visto que tal concentração poderia apresentar um alvo compensador para novo ataque nuclear. Assim, até que os dirigentes soviéticos se certifiquem das possibilidades atômicas do Ocidente, é de esperar que as forças soviéticas na Europa Ocidental executem incursões dispersas, talvez até o norte ou mesmo a Oeste da África, a fim de sondar o valor e intenções do Ocidente, atemorizar o mundo neutro e conservar suas forças móveis, diminuindo, assim, os riscos de apresentar um alvo concentrado e maciço. Preveria também que fato idêntico se passasse no "estacionamento" soviético do Oriente Médio, isto é: nenhuma invasão em larga escala do subcontinente indiano, mas incursões profundas e amplas, com apoio aéreo aproximado para sondar, amedrontar e manter-se sempre em movimento, dentro, naturalmente, das limitações de combustível e suprimentos.

ENVOLVIMENTO DE TÓDAS AS REGIÕES TERRESTRES E AÉREAS

Se os líderes soviéticos se convencessem finalmente de que fôra anulada a capacidade do Ocidente quanto à fabricação de armas nucleares, poder-se-ia prever que fortificassem, militar e politicamente, sua posição na Europa Ocidental e, em seguida, a transformassem numa base para incursões, de intensidade crescente, contra o território mantido pelo Ocidente ou as regiões estratégicas sob o contrôle dos "neutros".

É admissível que tal fase dure muitos meses, talvez anos, durante os quais os soviéticos esperariam que o Ocidente levasse a efeito o mesmo tipo de reconhecimento afastado, facilitado pelo poder naval, contra o qual a União Soviética faria o máximo emprêgo de sua frota de submarinos. Se, todavia, viessem a acreditar que certa região estratégica tivesse sido removida por seus adversários no interêsse do plano geral do Ocidente, os soviéticos poderiam tentar ocupá-las permanentemente e organizá-la nos moldes comunistas no interêsse de seu esforço de guerra. Assim, poderia surgir um esforço de guerra soviético, tendo por base uma nova "fortaleza" na Europa Ocidental e África Setentrional, opondo-se ao do Ocidente com base no Pacífico e Atlântico e parte da América do Norte.

Se, por outro lado, os soviéticos julgassem que o Ocidente possuía maior capacidade nuclear do que a prevista para o fim da primeira fase, e que, naturalmente, usasse arma de hidrogênio contra a Europa Ocidental densamente ocupada por forças soviéticas, os movimentos de dispersão poderiam, então, tornar-se mais rápidos e amplos. Poderiam tais forças procurar dispersar-se por tóda a Europa Ocidental e noroeste da África a fim de infiltrar-se, não tanto para ocupar território, mas para manter o seu grosso intacto até que fôsse esclarecido o valor, o moral e as probabilidades militares do Ocidente. Admitindo-se, ainda, que ambos os lados sejam capazes de continuar a guerra, após a segunda fase, e que ainda possuam capacidade nuclear, seria de prever que a União Soviética tome uma posição de reconhecimento defensiva, aguardando os indícios de concretização de uma contra-ofensiva ocidental contra a Europa, África Setentrional ou Oriente Médio, ocupados pelos soviéticos. Quando começasse a surgir uma concentração ocidental, poder-se-ia es-

perar uma contraconcentração soviética a ser rapidamente dispersa, em uma vasta área, ao primeiro sinal do reaparecimento de arma nuclear, a não ser que a concentração ocidental mostrasse ser um engodo.

Em minha opinião, pode ser perfeitamente esta a forma de guerra, durante vários anos, na segunda fase: uma série de operações móveis em que ambos os lados se utilizem de tôdas as regiões terrestres e aéreas do globo, levando consigo seus suprimentos e combustíveis, para explorar e sondar, impondo danos ao inimigo onde possível, evitando, ao mesmo tempo, concentrações que possam constituir alvo para bombardeio nuclear. A idéia do alto comando soviético de levar a efeito esta rápida operação combinada pode ser deduzida da seguinte citação do "Military Thought":

"As características do tipo de estratégia ofensiva (objeto de nosso estudo) compreendem: ataques frontais e contra-ataques nas mais complexas condições, tanto de dia, como de noite; operações aéreas e terrestres independentes com tropas aeroterrestres e desembarques de tropa transportada por via marítima; emprêgo em regiões costeiras de forças com grande velocidade, em situações rapidamente variáveis; montagem de operações combinadas em curto prazo."

Além disso, entendo que a previsão soviética de que "a guerra seria travada sobre toda a superfície terrestre e marítima do globo" significa que os soviéticos estão preparados para realizar incursões, não só contra a África, Índia e Paquistão, como também para executar ações diversionárias contra bases na Groenlândia, Norte do Canadá ou em outros pontos do Novo Mundo, e ainda que o alto comando soviético esperaria também opor-se às incursões do Ocidente contra a periferia e o centro de "seu" continente.

3ª FASE: FIM DA GUERRA, NÃO COM UM ESTOURO, MAS COM A ELEVÇÃO DE UM DOS LADOS À SITUAÇÃO DE POTÊNCIA DOMINANTE DO MUNDO

Devemos, agora, fazer a mais difícil previsão, qual seja, a concernente ao modo de chegar a guerra a uma feliz conclusão. Francamente, pelos indícios oriundos de fontes soviéticas, não acredito que isso se verifique. Temos de conceber que o poder militar, aéreo e naval do bloco soviético se estenda e se disperse, em pequenos grupos, por todo o continente eurasiático, pela África, talvez, pelo subcontinente Indiano ou pelas regiões polares. Somos também levados a admitir que parte do poder submarino soviético opere nos oceanos Atlântico e Pacífico e que os líderes soviéticos se empenhem arduamente em organizar, nos moldes comunistas, os povos e os recursos dos territórios ocupados, tendo em vista o esforço de guerra e a reconstrução do seu país.

E julgo que a única admissão possível é que os estrategistas soviéticos prevêem, como consequência das amplas operações de dispersão da segunda fase, certo grau decisivo de superioridade para um dos lados que finalmente poria fim à guerra. Nessa hipótese, a guerra seria travada até o fim e não terminada em virtude da combinação de fatores atualmente desconhecidos, tanto por nós como pelos soviéticos.

Teoricamente, é natural que ambos os lados esperem dispor, no fim da segunda fase, de indiscutível contróle da maior superfície possível da terra, capaz de impedir o uso pelo inimigo de todos recursos essenciais, a ponto de tornar este cada vez mais fraco e impossibilitado de prosseguir na guerra.

Embora aceite que não haja indício seguro oriundo das fontes soviéticas, que nos conduza a tirar conclusões positivas sobre as razões em que se baseia o alto comando soviético para se considerarem vitoriosos, procurei aqui traduzir a doutrina de guerra soviética em uma forma prática de estratégia. Até agora, tratamos de uma guerra travada, desde o início, entre a União Soviética e o Ocidente. Mas há outra possibilidade que, acredito, os soviéticos muito temam: o rompimento de uma guerra entre a China Comunista e os Estados Unidos, em virtude de brutal arrogância e provocação por parte de Pequim. Poder-se-ia imaginar que no início das hostilidades, Pequim solicitasse à Rússia que cumprisse seu compromisso para com a aliança militar, realizando um ataque nuclear contra as bases americanas no Pacífico e talvez contra a Costa Ocidental. Neste caso, Moscou teria de decidir-se, seja por uma guerra preventiva, envolvendo a destruição, em represália, de grande parte do território soviético e, provavelmente, as campanhas diversionárias que procurei descrever — tudo para auxiliar a China Comunista — seja pelo não cumprimento das cláusulas da aliança. Há poucos anos, no outono de 1958, quase tivemos a concretização da situação acima descrita, quando os comunistas chineses começaram o bombardeio das ilhas ao largo da sua costa. A reação de Khrushchew foi bastante significativa, pois pela primeira vez apresentava ao Governo dos Estados Unidos uma nota tão injuriosa e violenta que o Presidente recusou aceitá-la. Creio que Khrushchew estava profundamente ansioso por impedir uma guerra sino-americana a fim de evitar o referido dilema. Enquanto refreava Pequim preparou-se para fazer o máximo possível de ameaças e bravatas com o fim de convencer o Ocidente sobre sua disposição de apoiar a China Comunista a todo custo.

Na verdade, se esta situação evoluísse, julgo que os russos transigiriam. Não desencadeariam uma guerra nuclear para apoiar a agressão da China, mas procurariam uma fórmula para cumprir as cláusulas da aliança com Pequim. Podiam "emprestar" parte da frota soviética do Pacífico — principalmente submarinos — aos chineses, ou permitir que estes usassem as bases soviéticas. Assim, esperariam colocar os Estados Unidos diante do mesmo dilema: levar a guerra à União Soviética ou limitar as suas operações à China. Podiam mesmo aplicar o inverso da técnica de dispersão, sobretudo se os Estados Unidos estivessem empre-

gando armas atômicas ou nucleares contra a China, permitindo o estacionamento de uma parte das melhores forças terrestres e aéreas comunistas no território soviético — no Transbaikal — a fim de poupá-las para ulterior emprêgo. Em linhas gerais, mesmo que os comunistas chineses entrassem em guerra com os Estados Unidos, ser-lhes-ia difícil continuar as hostilidades sem a aprovação soviética. Além disso, é muito provável que a influência militar soviética sobre a China seja suficientemente forte para pôr fim à guerra, independente da vontade dos chineses, se os rusos assim o decidirem. Em outras palavras, a Rússia poderá ser incapaz de evitar que os chineses cometam o erro político crasso de provocar uma guerra, mas provavelmente poderia impor sua conduta, duração e fim, de acôrdo com o seu interesse.

GUERRA LIMITADA. NÃO É ACEITA EM MOSCOU MAS PODE TER GUARIDA EM PEQUIM

Chegamos ao assunto final, isto é, à guerra limitada. Acredito que este tipo de guerra esteja ultrapassado em Moscou, o que talvez não se verifique em Pequim. Foi antes tentado na Coréia, por ordem de Moscou e, apesar de tóda a propaganda em contrário, não logrou êxito, segundo a opinião de Moscou, simplesmente porque não conseguiu trazer a Coréia do Sul para a órbita comunista. A guerra coreana mostrou também aos russos como são inseguros os exércitos satélites, sendo isto confirmado na Hungria em 1956, quando o Exército Comunista dêste país apoiou os revolucionários. Os soviéticos adquiriram a experiência de que as guerras limitadas por procuração têm pouca probabilidade de obter sucesso decisivo e de que os exércitos não merecem confiança sob o ponto de vista político, não podendo, assim, receber armas de alta prioridade. Ademais, se derrotados, podem êsses exércitos desintegrar-se e mesmo ceder terreno ocupado pelos comunistas para o Ocidente. Outrossim, as guerras limitadas conduzidas pelos Exércitos Soviéticos teriam grandes possibilidades de evoluir para guerras totais, o que é admitido pelos próprios russos.

POSSIBILIDADE DE GUERRA LIMITADA

Se observarmos um mapa das fronteiras da União Soviética, veremos como são restritas as possibilidades de guerras limitadas conduzidas pelos soviéticos. A oeste, qualquer ataque à Noruega, Alemanha, Grécia e Turquia, envolveria imediatamente a OTAN; um ataque à Pérsia afetaria a Organização do Tratado Central e à Grã-Bretanha que é uma potência nuclear; o ataque ao Afeganistão só seria razoável para abrir caminho para o Paquistão que é também membro da Organização do Tratado Central; e no Extremo Oriente, a Rússia só se limita com a China. Não

há, portanto, objetivo adequado para uma guerra limitada da União Soviética. Mas isso não significa que a União Soviética se abstenha de fomentar rebeliões entre os povos do mundo árabe, Pérsia, Índia, Paquistão e África, como aconteceu na Malaia, onde se travou uma luta civil sob a direção do Partido Comunista. Tais lutas podem prolongar-se durante vários anos, sem perigo para a União Soviética, acarretando muito dano à causa ocidental. Todavia, não é esta rigorosamente a estratégia de guerra soviética, conquanto faça parte da estratégia e tática comunistas em todo o mundo.

Entretentes, resta o problema da China Comunista no campo da guerra limitada. É quase indubitável que Pequim esteja mais inclinado a apoiar esta estratégia do que Moscou. A China, em comparação com a Rússia, obteve vantagens da guerra coreana e, certamente, a sua experiência obtida com o auxílio dado aos comunistas vietnameses para assumirem o poder pode induzi-la a apoiar a guerra limitada em outras oportunidades, tais como no Laos ou Cambodia. A China apóia ostensivamente a idéia de guerra limitada no estreito de Formosa, e poder-se-ia dizer que tenha adotado tal procedimento contra a Índia em 1959. Mas no período ora considerado, parece provável que a influência militar russa sobre a China Comunista, embora nem sempre possa evitar que esta realize um ato bélico, poderá provavelmente impedi-la de travar até mesmo uma guerra limitada contra a vontade da União Soviética. Esse domínio, que talvez tenha sido forjado por Stalin quando a China era mais fraca, sem dúvida, não escapará facilmente das mãos de Khrushchev.

CONCLUSÃO

Fazendo uma rápida síntese, em primeiro lugar, sou de opinião que a União Soviética, sentindo ser muito restrita a sua liberdade de ação, não tomará uma atitude deliberada que possa ocasionar uma guerra nuclear contra os Estados Unidos. Contudo, os líderes soviéticos parecem estar convencidos de que os estados capitalistas, em certo estágio do "declínio inevitável" admitido por Moscou, poderão preferir a guerra total à submissão passiva ao comunismo. E realmente tal guerra poderia irromper em consequência de grave erro soviético, provocado por erro de interpretação dogmática. Se ela surgir, os soviéticos acreditam que será longa, penosa, e envolverá todo o mundo. Como a vitória virá, não pelo aniquilamento nuclear, mas pela destruição das forças armadas do inimigo, é essencial que se preservem estas forças durante a fase do ataque nuclear, podendo isso implicar a ocupação rápida de territórios inimigos ou neutros. Essa concepção leva-nos a prever uma possível campanha terrestre, marítima e aérea soviética destinada a poupar as forças armadas, visando ao seu emprêgo em uma luta final indeterminada. E penso que é tendo em vista essa concepção, que se poderia chamar de "lógica da dispersão militar" por parte dos soviéticos, que o Ocidente deva cuidar de suas defesas e medidas de contrapreparação.